

Deriva numa paisagem em ruínas: coexistências possíveis entre humanos e não humanos

Drifting through a ruined landscape: possible coexistences between humans and non humans

Lia Maestrelli Bizzo

 0009-0001-0373-0266
maestrellibizzo@gmail.com

Resumo

O artigo apresenta a série fotográfica Coleção de Desperdícios, desenvolvida numa deriva realizada na ilha do Fundão, Rio de Janeiro, durante o ciclo de estudos “E lá no Fundão, o que é que tem?”, promovido pelo grupo Humusidades e coletivo Terra Batida. Partindo dos “esqueletos arquitetônicos” da paisagem universitária, investiga-se como resíduos industriais, ferrugens, sedimentos, organismos marinhos e vegetações espontâneas configuram paisagens em constante transformação. Em diálogo com Robert Smithson, especialmente com as noções de entropia e de “ruínas às avessas”, propõe-se compreender essas estruturas não apenas como testemunhos de projetos interrompidos, mas como expressões nas quais construção e decomposição coexistem desde o princípio. Ao mesmo tempo, o artigo sugere que tais ruínas constituem paisagens multiespécies, abertas à emergência de novas formas de vida e de coexistência. A deriva é compreendida como prática estética capaz de produzir leituras sensíveis do território, enquanto a fotografia é entendida como dispositivo indicial que torna visíveis diferentes temporalidades inscritas na matéria. Com a análise formal de sete imagens da série, argumenta-se que Coleção de Desperdícios desloca a ruína de uma categoria nostálgica para uma condição ecológica contemporânea, revelando que os vestígios da modernidade podem constituir, simultaneamente, ruínas entrópicas e suportes para novas configurações multiespécies.

Palavras-chave

Ruínas às avessas. Fotografia. Entropia.
Paisagens multiespécies. Deriva.

Abstract

*This article presents the photographic series Collection of Wastings, developed through a *dérive* on Fundão Island, Rio de Janeiro, during the study cycle *E lá no Fundão, o que é que tem?*, organized by the Humusidades research group and the Terra Batida collective. Starting from the university landscape's “architectural skeletons”, the study investigates how industrial waste, rust and other sediments configure landscapes in transformation. Drawing on Robert Smithson's thought, particularly his concepts of entropy and “ruins in reverse”, the article proposes understanding them not merely as remnants of interrupted projects, but as expressions in which construction and decomposition coexist. The article also suggests that such ruins constitute multispecies landscapes, open to the emergence of new forms of life and coexistence. The *dérive* is understood as an aesthetic practice capable of generating sensitive readings of territory, while photography is approached as an indexical device that renders visible the multiple temporalities inscribed in matter. Through a formal analysis of seven photographs from the series, the article argues that Collection of Wastings shifts the notion of ruin from a nostalgic category to a contemporary ecological condition, revealing that the traces of modernity can simultaneously constitute entropic ruins and substrates for new multispecies configurations..*

Keywords

*Ruins in reverse. Photography. Entropy.
Multispecies landscapes. Dérive.*

Uma deriva entre coisas, ruínas e emergências multiespécies

A ilha do Fundão, no Rio de Janeiro, é resultado de sucessivos aterros que transformaram antigas ilhas e áreas de manguezal em suporte para grandes projetos de modernização, entre eles a Cidade Universitária da UFRJ. Nesse processo, algumas construções permaneceram inacabadas durante décadas, originando os “esqueletos arquitetônicos” que ainda hoje marcam a paisagem local. Foi a partir do encontro com essas estruturas, durante uma deriva realizada no contexto do ciclo de estudos “E lá no Fundão, o que é que tem?”, que surgiu a série fotográfica *Coleção de Desperdícios*. Mais do que documentar resíduos, as imagens procuram investigar como formas de vida insistem em emergir em paisagens atravessadas pela deterioração e pelas promessas inacabadas do progresso.

Ao aproximar os esqueletos do Fundão das reflexões de Robert Smithson sobre as “ruínas às avessas”, o artigo propõe compreender essas estruturas não apenas como vestígios de projetos interrompidos, mas como expressões da própria lógica entrópica da modernidade. Ao mesmo tempo, em diálogo com Anna Tsing, sugere que essas ruínas constituem paisagens multiespécies, nas quais plantas espontâneas, organismos marinhos e resíduos industriais participam da produção de novos arranjos ecológicos. As ruínas deixam, assim, de ser categorias nostálgicas para tornar-se condições ecológicas contemporâneas.

Deriva, fotografia e ruínas entrópicas: aproximações com Robert Smithson

A caminhada que deu origem à série *Coleção de Desperdícios* pode ser compreendida no interior de uma tradição artística que toma o deslocamento como prática estética. Em diálogo com Francesco Careri (2013) e Paola Berenstein Jacques (2003, 2012), a deriva é entendida não apenas como procedimento metodológico, mas como gesto capaz de produzir sensibilidades, tensionar narrativas dominantes sobre a cidade e instaurar outras formas de relação com o território. Nesse contexto, a obra de Robert Smithson assume papel central para este artigo, sobretudo por articular caminhada, fotografia e paisagem industrial como operações críticas sobre a modernidade.

Em *Um passeio pelos monumentos de Passaic*, Smithson (2006) transforma infraestruturas banais em monumentos atravessados pela obsolescência,

compreendendo a ruína como manifestação de uma temporalidade entrópica em que construção e decomposição coexistem. A partir dessa perspectiva, os esqueletos do Fundão não são ruínas porque falharam, mas porque já carregam em si a possibilidade de sua própria transformação. A aproximação com Smithson permite, portanto, situar *Coleção de Desperdícios* no campo da arte contemporânea, compreendendo a fotografia não como mera documentação, mas como dispositivo capaz de evidenciar fragmentos, vestígios e múltiplas temporalidades inscritas na paisagem.

Vestígios materiais: fotografia, entropia e emergências multiespécies

As fotografias que compõem a série *Coleção de Desperdícios* não operam como simples ilustrações do percurso realizado pela ilha do Fundão. Ao contrário, permitem observar como diferentes temporalidades e formas de vida se inscrevem materialmente na paisagem. Ferrugem, sedimentos, resíduos industriais, cracas e vegetações espontâneas revelam processos contínuos de transformação, nos quais a distinção entre natureza e cultura torna-se insuficiente para compreender as relações estabelecidas. Nesse sentido, as imagens demandam atenção às suas qualidades formais, como composição, enquadramento, textura, cor e escala, que orientam modos específicos de percepção sobre essas paisagens em ruína e tornam visíveis processos entrópicos normalmente dispersos no cotidiano.

Ao mesmo tempo, as fotografias podem ser compreendidas a partir de sua dimensão indicial. Mais do que representar objetos estáveis, elas registram vestígios materiais da ação das marés, da oxidação dos metais, do crescimento das cracas, da sedimentação dos resíduos e da ocupação gradual das estruturas por outras formas de vida. Situadas entre documento e elaboração estética, as imagens reorganizam visualmente esses encontros, permitindo que resíduos ordinários sejam percebidos como condensações de múltiplas temporalidades. Nesse contexto, a aproximação com Robert Smithson torna-se particularmente fecunda, pois suas reflexões sobre entropia, ruína e paisagem industrial oferecem ferramentas para compreender essas fotografias não como registros de estados fixos, mas como expressões visíveis de processos contínuos de transformação.

Estátua de ferrugem



Figura 1
Gabriel Martucci e Lia
Maestrelli Bizzo, *Estátua
de ferrugem*
Fonte: acervo pessoal

A acumulação de estruturas metálicas oxidadas organizadas no centro do enquadramento da foto confere ao conjunto uma presença escultórica. Embora seja possível identificar restos de cadeiras, o entrelaçamento dos tubos metálicos e a ferrugem que recobre uniformemente suas superfícies dissolvem suas funções originais, transformando-os em uma forma híbrida entre abstração e figuração. O enquadramento frontal e a proximidade da tomada fotográfica reduzem as referências espaciais, permitindo que a composição adquira autonomia formal. Ao mesmo tempo, a verticalidade do conjunto evoca certa monumentalidade, subvertida pela precariedade dos materiais descartados que a constituem.

A vegetação que atravessa a estrutura metálica reforça a percepção de coexistência entre processos distintos, tornando difusas as fronteiras entre artefato humano e crescimento vegetal. A imagem pode, assim, ser compreendida como índice de múltiplas temporalidades: a oxidação testemunha a ação prolongada do tempo sobre o metal, enquanto as plantas evidenciam movimentos contínuos de ocupação e adaptação. Nesse sentido, a fotografia aproxima-se das reflexões de Robert Smithson sobre entropia e paisagens industriais, revelando os resíduos da modernidade como expressões materiais de transformações em curso. Somente então é possível relacioná-la às proposições de Tim Ingold (2012), compreendendo o ferro não como objeto acabado, mas como matéria em devir, atravessada por processos de corrosão e reconfiguração contínua.

Ser em flutuação



Figura 2
Gabriel Martucci e Lia
Maestrelli Bizzo, *Ser em
flutuação*
Foto: Gabriel Martucci
e Lia Maestrelli Bizzo
Fonte: acervo pessoal

O enquadramento fechado no pequeno conjunto de fragmentos disposto sobre uma palma de mão aberta e o fundo desfocado concentram a atenção na relação entre o corpo humano e aquilo que ele sustenta, enquanto a mão opera simultaneamente como suporte, escala e gesto de acolhimento. A justaposição de uma craca rosada e um isopor circular de superfície rugosa produz uma figura ambígua, situada entre o artefato encontrado e a emergência de um pequeno ser. O contraste entre a delicadeza das tonalidades da concha, a aspereza dos materiais recolhidos e a maciez da pele humana intensifica a dimensão quase retratística da composição.

Ao mesmo tempo, a imagem pode ser compreendida como índice de diferentes temporalidades inscritas na matéria. A formação calcária da concha, a erosão provocada pela ação contínua da água e o deslocamento desses fragmentos pelas dinâmicas costeiras tornam visíveis processos que extrapolam a escala humana. Nesse sentido, a fotografia aproxima-se das reflexões de Robert Smithson acerca da sedimentação e da entropia, ao evidenciar não formas acabadas, mas reorganizações contínuas dos materiais. O pequeno “ser em flutuação” deixa de ser um simples achado para revelar como paisagens costeiras são também espaços de encontros improváveis, nos quais matéria orgânica, sedimentos e gestos humanos participam da produção de novas narrativas visuais e sensíveis sobre o mundo.

Linha enferrujada



Figura 3

Gabriel Martucci e Lia
Maestrelli Bizzo, *Linha
enferrujada*

Foto: Gabriel Martucci
e Lia Maestrelli Bizzo

Fonte: acervo pessoal

Na composição marcada pela repetição e pela linearidade, duas vigas metálicas enferrujadas delimitam verticalmente o enquadramento, enquanto a superfície corrugada da laje organiza o espaço por meio de sucessivas linhas horizontais. No centro da imagem, uma faixa irregular de ferrugem interrompe a regularidade estrutural do conjunto, produzindo uma espécie de desenho involuntário sobre a superfície industrial. A oposição entre a ordem das formas construtivas e os contornos sinuosos da oxidação evidencia a tensão entre controle técnico e transformação material.

A ferrugem atua simultaneamente como elemento plástico e índice temporal, revelando a ação prolongada da umidade e das intempéries sobre a estrutura. Mais do que registrar um objeto estático, a fotografia torna visível um processo em curso, no qual diferentes temporalidades se sobrepõem: o tempo acelerado da construção, o tempo mais lento da corrosão e o instante do encontro fotográfico. Nesse sentido, a imagem aproxima-se das reflexões de Robert Smithson sobre entropia, ao sugerir que a deterioração não constitui um evento excepcional, mas uma condição inerente aos materiais e às paisagens produzidas pela modernidade. A linha enferrujada deixa de ser um simples detalhe construtivo para tornar-se evidência das transformações contínuas que atravessam a matéria ao longo do tempo.

Coleção espiralar



Figura 4
Gabriel Martucci e Lia
Maestrelli Bizzo, *Coleção
espiralar*
Foto: Gabriel Martucci
e Lia Maestrelli Bizzo
Fonte: acervo pessoal

O enquadramento fechado na mão estendida que sustenta parafusos, porcas e fragmentos metálicos marcados pela ferrugem elimina referências espaciais mais amplas, destacando na fotografia a relação entre o corpo humano e os materiais recolhidos. A repetição das formas cilíndricas e helicoidais introduz ritmo visual marcado pelas espirais das roscas, enquanto a sobreposição dos objetos produz uma sensação de densidade e acúmulo. Retirados de seus contextos de uso, esses elementos deixam de ser percebidos apenas como componentes funcionais da infraestrutura construída e passam a constituir uma pequena coleção de vestígios, reunidos pelo gesto fotográfico.

As superfícies oxidadas tornam visíveis diferentes histórias materiais inscritas nos fragmentos. A ferrugem atua simultaneamente como marca temporal e elemento plástico, evidenciando processos de desgaste, abandono e transformação. Nesse sentido, a fotografia opera como índice da ação do tempo sobre a matéria e aproxima-se das reflexões de Robert Smithson acerca da entropia, ao sugerir que a obsolescência integra a própria lógica das estruturas modernas. A forma espiralada dos parafusos reforça, ainda, uma compreensão não linear do tempo, em que construção, uso e decomposição coexistem como processos contínuos de reorganização material.

Verde em meio aos ossos



Figura 5

Gabriel Martucci e Lia
Maestrelli Bizzo, *Verde
em meio aos ossos*

Foto: Gabriel Martucci
e Lia Maestrelli Bizzo

Fonte: acervo pessoal

Na fotografia do interior de uma estrutura inacabada, organizada pela repetição regular de pilares e vigas de concreto que se estendem em perspectiva, a forte luminosidade proveniente das extremidades do edifício dissolve parcialmente os limites arquitetônicos, criando uma atmosfera etérea que contrasta com a rigidez dos elementos construtivos. Em primeiro plano, a presença de pequenas plantas que emergem do solo arenoso introduz uma ruptura na lógica da estrutura, deslocando o olhar do observador para formas de vida que se desenvolvem em meio aos “ossos” do edifício.

A composição estabelece um diálogo entre a racionalidade da arquitetura moderna e a imprevisibilidade dos processos ecológicos. Enquanto os pilares sugerem ordem, repetição e permanência, a vegetação dispersa evidencia crescimento, adaptação e transformação contínua. Sob essa perspectiva, a fotografia opera como índice de temporalidades sobrepostas: o tempo interrompido da construção, o tempo lento da degradação dos materiais e o tempo biológico das espécies que passam a ocupar esse espaço. A imagem aproxima-se, assim, das reflexões de Robert Smithson sobre entropia, ao revelar que as estruturas modernas carregam em si a possibilidade de sua própria reorganização. Mais do que representar o abandono, *Verde em meio aos ossos* evidencia a emergência de outras formas de existência que persistem e se desenvolvem nos interstícios da ruína.

Assembleia de cracas



Figura 6
Gabriel Martucci e Lia
Maestrelli Bizzo,
Assembleia de cracas
Foto: Gabriel Martucci
e Lia Maestrelli Bizzo
Fonte: acervo pessoal

O enquadramento superior da fotografia de um pneu descartado parcialmente recoberto por cracas, disposto entre a areia e a vegetação rasteira da margem, enfatiza a circularidade do objeto e a distribuição irregular dos organismos sobre sua superfície escura. A repetição das pequenas formas calcárias produz um efeito visual de acumulação, transformando o pneu em uma espécie de suporte vivo, em que os limites entre resíduo industrial e ocupação biológica tornam-se menos evidentes. O contraste entre o negro da borracha, o branco das cracas e os tons terrosos do entorno reforça a dimensão tátil e processual da imagem.

A fotografia opera como índice de múltiplas temporalidades e encontros multiespécies. As cracas testemunham o período em que o pneu esteve submetido às dinâmicas das marés, enquanto sua presença em terra sugere novos deslocamentos e reorganizações materiais. Nesse sentido, a imagem aproxima-se das reflexões de Robert Smithson sobre entropia, ao revelar como objetos produzidos pela modernidade permanecem abertos à ação de forças que escapam ao controle humano. Mais do que representar um resíduo abandonado, *Assembleia de cracas* evidencia a capacidade de outros seres de habitar, transformar e atribuir novos significados aos vestígios industriais, convertendo-os em espaços de coexistência.

Cascas e acumulações



Figura 7
Gabriel Martucci e Lia
Maestrelli Bizzo, *Cascas
e acumulações*
Foto: Gabriel Martucci
e Lia Maestrelli Bizzo
Fonte: acervo pessoal

Enquadrada a partir de um ponto de vista baixo que aproxima o observador do chão, a fotografia de uma parede marcada pelo descascamento da pintura e pela presença de manchas de umidade tem sua composição concentrada nas texturas e irregularidades da superfície, fazendo com que fissuras, desprendimentos e camadas sobrepostas assumam protagonismo visual. Na parte inferior da imagem, um pequeno acúmulo de sedimentos emerge do piso úmido, enquanto brotos delicados insinuam formas de vida que ocupam discretamente as margens da estrutura. A paleta cromática restrita, composta por tons terrosos e ocre, reforça a percepção de desgaste e sedimentação.

A fotografia não registra um estado de deterioração, mas evidencia processos contínuos de transformação material. As camadas descascadas da parede tornam visíveis diferentes tempos inscritos na arquitetura, revelando a ação prolongada da umidade, o envelhecimento dos revestimentos e o acúmulo gradual de matéria ao longo do tempo. Nesse sentido, a imagem aproxima-se das reflexões de Robert Smithson sobre entropia, ao sugerir que as estruturas construídas não constituem formas estáveis, mas superfícies abertas à ação de forças que as reorganizam continuamente. *Cascas e acumulações* desloca o olhar da integridade arquitetônica para seus vestígios, revelando que mesmo os processos aparentemente silenciosos de infiltração, erosão e crescimento vegetal participam da produção de paisagens em constante transformação.

Aprendizados da deriva: ruínas que ainda produzem vida

A série *Coleção de Desperdícios* sugere que as ruínas da ilha do Fundão não podem ser compreendidas apenas como testemunhos de projetos interrompidos ou resíduos do progresso moderno. A partir da deriva, das fotografias e das análises aqui desenvolvidas, torna-se possível reconhecê-las como paisagens em constante transformação, nas quais diferentes temporalidades e formas de vida coexistem. Nesse sentido, as imagens deslocam a ruína de uma categoria nostálgica para uma condição ecológica contemporânea, evidenciando que construção e decomposição não constituem momentos sucessivos, mas processos que se entrelaçam desde o princípio.

As reflexões de Robert Smithson oferecem importante chave para essa compreensão. Ao pensar os monumentos modernos como “ruínas às avessas”, o artista evidencia que determinadas estruturas já nascem atravessadas pela possibilidade de sua própria degradação. Os esqueletos arquitetônicos da ilha do Fundão aproximam-se dessa formulação ao revelar a dimensão entrópica da modernidade: não são ruínas porque falharam, mas porque pertencem a sistemas materiais inevitavelmente sujeitos ao desgaste, à dispersão e à reorganização. Ferrugens, infiltrações, fissuras e sedimentações tornam-se, assim, manifestações visíveis dessa temporalidade não linear.

As fotografias, entretanto, também mostram que as ruínas não se restringem à lógica da perda. As plantas que brotam entre concretos inacabados, as cracas que ocupam resíduos industriais e os pequenos encontros materiais recolhidos durante a deriva evidenciam que esses espaços permanecem abertos à emergência de novas formas de vida. As ruínas revelam-se, portanto, como paisagens multiespécies, nas quais organismos humanos e não humanos participam de processos contínuos de coexistência e transformação. Nesse aspecto, as contribuições de Anna Tsing (2019), Tim Ingold (2012) e Bruno Latour (2019) permitem compreender a paisagem não como cenário estático, mas como campo relacional, atravessado por fluxos materiais, biológicos e sensíveis.

Ao mesmo tempo, as reflexões de Félix Guattari (1990) e Eileen Crist (2022) apontam para a urgência de reinventar nossos modos de habitar a Terra. Diante da crise ecológica contemporânea, reconhecer a vitalidade presente nas ruínas implica também questionar perspectivas que reduzem o planeta a

um conjunto de recursos disponíveis à exploração humana. Como afirma Crist, imaginar futuros habitáveis exige recuperar uma relação de deferência para com o mundo vivo; como propõe Guattari, requer a rearticulação entre ambiente, relações sociais e subjetividade. Nesse contexto, a atenção aos vestígios, aos seres discretos e às pequenas emergências torna-se também um exercício ético e político.

A deriva realizada pela ilha do Fundão revelou-se, assim, mais do que um procedimento metodológico: constituiu uma prática estética de atenção ao território, capaz de tornar visíveis histórias que frequentemente permanecem à margem das narrativas dominantes. As fotografias reunidas em *Coleção de Desperdícios* convidam a reconhecer, nos restos da modernidade, não apenas sinais de decadência, mas indícios da persistência da vida e da capacidade dos materiais de compor novas configurações. Talvez seja justamente nesse deslocamento do olhar, das grandes promessas do progresso para os encontros improváveis que brotam em seus interstícios, que resida a principal contribuição desta pesquisa.

Nesse sentido, as imagens da série sugerem que as ruínas contemporâneas são, simultaneamente, ruínas às avessas, porque já nascem condenadas à degradação, e paisagens multiespécies, porque permanecem abertas à emergência de outras formas de habitar. Mais do que anunciar um fim, elas testemunham a continuidade dos processos materiais e biológicos que transformam incessantemente o mundo. Escutar essas paisagens talvez seja, como sugerem Manoel de Barros (2003) e Ailton Krenak (2020), um primeiro passo para imaginar modos mais sensíveis, responsáveis e coletivos de estar na Terra.

Lia Maestrelli Bizzo é arquiteta, artista e pesquisadora. Mestre em arquitetura pela UFRJ, Proarq, com a dissertação *Aterramentos performativos: a arte como meio por uma ecologia da arquitetura*. Atualmente doutoranda no PosArq, UFSC, e integrante do Grupo Quiasma: estudos e pesquisas interdisciplinares em arquitetura, corpo e cidade (ARQ/UFSC).

Referências

BARROS, Manoel de. *O apanhador de desperdícios*. In: *Memórias inventadas – a infância*. São Paulo: Editora Planeta, 2003.

- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: G. Gili, 2013.
- CRIST, Eileen. O mal-estar do Antropoceno: rumo ao Chtuluceno? A pobreza da nossa nomenclatura. In: MOORE, Jason W. (org.). *Antropoceno ou Capitaloceno?: natureza, história e a crise do capitalismo*. São Paulo: Elefante, 2022, p. 35-58.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 2 ed. Campinas: Papirus, 1990.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4886677/mod_resource/content/1/Ingold_Trazendo_as-coisas-para-a-vida.pdf. Acesso em set. 2025.
- JACQUES, Paola Berenstein (org.). *Novas derivas*. Salvador: Edufba, 2012.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. Org. Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LATOUR, Bruno. *Políticas da natureza: como associar as ciências à democracia*. Trad. Carlos Aurélio Mota de Souza. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- SMITHSON, Robert. Um passeio pelos monumentos de Passaic. In: COTRIM, Cecília; FERREIRA, Glória (org.). *Escritos de artistas: anos 60/70*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 182-197.
- TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

Artigo submetido em março de 2026 e aprovado em junho de 2026.

Como citar:

BIZZO, Lia Maestrelli. Deriva numa paisagem em ruínas: coexistências possíveis entre humanos e não humanos. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 32, n. 51, p. 270-282, jan.-jun. 2026. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n51.13>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>